

O sistema «Kamuina Nsapu»

- **«Kamuina Nsapu», o nome do poder**

«*Kamwèna nsàpù*» é o nome de uma vila e de uma linhagem real, como é frequente no espaço Cassai. O poder transmite-se de pai para filho, mas também de irmão para irmão, de tio paterno a sobrinho ou entre primos, criando uma base cada vez mais larga de pretendentes ao trono e potenciais conflitos. A designação do chefe deve fazer-se por consenso no interior da corte real que reagrupa os chefes das famílias membros da linhagem do chefe.

Kamuina Nsapu é o chefe tradicional da etnia dos Bajila Kasanga que se encontra no território de Dibaya, mas também perto de Tshikapa, na nova província do Cassai. Os Bajila Kasanga só falam «*cilubà*». Qualquer outra língua, e em particular o Lingala, é considerado como a língua dos «*tunguluba*», os pequenos porcos. Os ruandófonos e os que falam suaíli, mesmo congolezes, são particularmente detestados, porque estão associados ao Estado, considerado repressivo, e às forças de segurança. É um dos espaços tradicionais mais homogêneos: uma etnia, uma língua, um chefe.

Kamuina Nsapu depende de uma chefia tradicional mais importante, a dos Bashinlange, que se encontra essencialmente nos territórios de Kazumba, Luebo e em Tshikapa. O rei dos Bashinlange confiou a Kamuina Nsapu o «*Nkuembe*», um totem que é suposto ser a fonte do seu poder místico. Quando a corte de Kamuina Nsapu foi atacada e os fetiches desapareceram, foi todo o espaço de Bashinlange que foi abalado.

A «Tshiota», o fogo sagrado

A «*cyôta*» é o nome dado pelos que falam luba junto à fogueira, um fogo permanente ou temporário, em casa do chefe tradicional. É o canal privilegiado para falar com os antepassados, um lugar de reencontro onde se fala de todos os problemas importantes ligados à sobrevivência da área tradicional.

É uma tradição que se encontra em todo o espaço do Cassai, por vezes caída em desuso. Mas com a insurreição lançada por Kamuina Nsapu, esta tradição, como muitos outros, foi reavivado.

A Tshiota, nos Kamuina Nsapu, é sobretudo um centro de iniciação. No caso do actual conflito, é preciso passar por uma Tshiota para se tornar um membro de pleno direito da milícia, até obter um «baptismo» particular. Diante da repressão, os feiticeiros de Kamuina Nsapu criaram Tshiotas para além do seu grupo. Uma das primeiras e das mais activas é Ngombe, situada a vinte quilómetros de Bunkonde. Foi não muito longe de lá que os corpos dos dois peritos da ONU foram encontrados, a 27 de Março de 2017.

- **O «Baptismo», a poção de invencibilidade e de invulnerabilidade**

O «baptismo», no interior de Kamuina Nsapu, é uma poção que é suposto tornar invencível aquele que a bebe. Ser baptizado é uma das etapas essenciais do processo de iniciação. Ninguém sabe o que contém o baptismo de Kamuina Nsapu. Isso pode representar um risco sanitário, sendo que as crianças com menos de 14 anos são baptizadas tal como os adultos.

Jean-Prince Mpandi, que está na origem da insurreição, era conhecido como um médico tradicional. Ao tornar-se no 6º Kamuina Nsapu, passou a possuir o «*Nkuembe*», um poder místico, que aumentou a sua reputação.

O espaço Cassai é cristão e sobretudo católico. Cada grupo tem a sua paróquia e a sua escola, frequentemente mantidas por padres. Não é raro ver misturarem-se religião e crença tradicional. Mas o sistema de crenças dos Kamuina Nsapu construiu-se contra a Igreja.

- **Os ataques «místicos»**

Para os Kamuina Nsapu, os ataques são «místicos». São um objecto não somente tático, mas também metafísico. A maioria decorre às quintas e sextas-feiras em comemoração da traição e da morte do seu chefe Jean-Pierre Mpandi, na quinta-feira, dia 11, e na sexta-feira, dia 12 de Agosto de 2016.

Os Kamuina Nsapu pensam que o baptismo os torna invencíveis e atacam posições de forças de segurança congolenses com, na maioria das vezes, armas «místicas», quer dizer, armas de madeira ou vassouras. Cantam durante os ataques.

A crença nesta poção explica sem dúvida o peso dos balanços das vítimas. Mas no decorrer do mês, certos chefes questionaram a verdadeira causa associada à crença, nomeadamente no território de Dibaya, onde se contabilizam a maioria das vítimas. Outros conservam os rituais e as suas milícias, mas renunciam aos ataques «místicos».

- **Os elementos «Kamuina Nsapu»**

Os adeptos de Kamuina Nsapu são, na maioria jovens, frequentemente menores. Segundo os especialistas do domínio da infância, no início da insurreição, a maioria tinha mesmo menos de 14 anos, o que explica as imagens que encontramos nos vídeos filmados por militares no território de Dibaya, onde eclodiu a insurreição: corpos de crianças muito jovens munidos de armas de madeira.

Entre os Kamuina Nsapu, encontramos todas as camadas sociais. Para além dos chefes tradicionais, os chefes de localidade, os professores e os enfermeiros assumem um papel predominante. Podemos encontrar igualmente polícias e militares do Cassai.

As personagens-chave são os feiticeiros, os «guardiães dos costumes». No interior da corte real Kamuina Nsapu, André Kabumbu, dito «Kadhafi», e François Muamba, ambos parentes afastados, são os mais conhecidos. Mas cada Tshiota tem o seu feiticeiro, tal como cada grupo de milícias tem o seu chefe. Os feiticeiros organizam os rituais de iniciação e preparam o baptismo.

Isto explica também o carácter desestruturado da insurreição. Cada Tshiota pode engendrar vários grupos de milícias que, desde a morte de Jean-Prince Mpandi, não respondem mais a um só chefe. A família real de Kamuina Nsapu conserva influência, nomeadamente no território de Dibaya.

- **Os «inimigos» e os «traidores»**

Os Kamuina Nsapu atacam acima de tudo os símbolos do Estado que representa, do seu ponto de vista, um regime repressivo e usurpador. É o Estado dos «estrangeiros», no sentido daqueles que falam uma outra língua, e que é preciso expulsar da terra sagrada. Os seus alvos privilegiados são, portanto, as forças de segurança, o exército, a polícia, a Agência Nacional de Recrutamentos (ANR) e a Direcção Geral de Migrações (DGM). A Comissão Eleitoral é igualmente visada porque é acusada de ter manipulado o processo eleitoral.

- Os «inimigos» podem ser decapitados depois de terem sido publicamente acusados. É preciso uma «justificação».

Os traidores são os habitantes do Cassai, chefes tradicionais, ou as autoridades locais que recusam juntar-se aos Kamuina Nsapu ou tomam partido pelo Estado. Os conflitos tradicionais explicam largamente a propaganda da insurreiçãõ. Mais de uma centena de chefes acusaram o poder político-administrativo de se ingerir nos assuntos tradicionais ao criar duplicações ou novas chefias. O ex-vice-Primeiro Ministro do Interior, Évariste Boshab, foi mesmo acusado por alguns de ter envenenado três dos mais importantes chefes tradicionais, o 5º Kamuina Nsapu, o rei dos Kuba e o rei dos Bashinlange.

- Os «traidores» são frequentemente os primeiros alvos. Eles podem igualmente ser decapitados. Também aí é preciso uma «justificação».

As escolas e a Igreja Católica são particularmente visadas. Os jovens das milícias explicam-no frequentemente pelo facto de que eles próprios não podem estudar. É a geração da escola paga. Desde 1984, o Estado paga pouco, ou não paga de todo, os professores, obrigando os pais a desembolsar despesas escolares exorbitantes tendo em conta o seu nível de vida. A Igreja Católica, que gere metade das escolas do país, é acusada de «extorsão». Do ponto de vista das milícias, a Igreja Católica foi quem permitiu manter o Presidente Joseph Kabila no poder, ao facilitar um diálogo no fim do seu segundo e último mandato.

- As igrejas e as escolas podem ser saqueadas ou mesmo incendiadas, os seus funcionários violentados, mesmo que raramente sejam mortos.

© Sonia Rolley

